

ANÁLISE DE CLASSES SEM SOTAQUE

Gianpaolo Baiocchi *

A antropóloga brasileira radicada nos Estados Unidos, Teresa Caldeira, apresenta no prefácio de seu livro *City of Walls*, a frase “antropologia com sotaque”, que se refere ao dilema de todo trabalho acadêmico dirigido a várias audiências: qual a ênfase do trabalho — melhor explicar o mundo estudado aos “nativos” ou avançar o conhecimento teórico-científico? Para as ciências sociais, como tradicionalmente praticadas, até mesmo dentro do campo da análise de classes, o trabalho melhor avaliado sempre foi aquele que avançasse argumentos gerais, supostos como “objetivos”, porém soltos de um compromisso com a realidade empírica. Em segundo plano consideravam-se aqueles comprometidos com a realidade concreta, e para os quais existiam termos até um pouco derogatórios, como “brasilianista” e “africanista”, aplicados a estudiosos não nativos.

Levanto este preconceito antigo porque este fascinante livro de José Alcides avança argumentos teóricos sobre o campo da análise de classes que levantam questões importantes tanto no contexto do Brasil quanto em outros países. O livro levanta também possibilidades instigantes, abrindo caminhos para investigações futuras na área. Não considero necessário deter-me por muito tempo com as óbvias contribuições que o livro faz à nossa compreensão do Brasil nem à importante lacuna que o livro preenche, pois como o próprio autor levanta, a aplicação de análise de classes baseada em investigação empírica sofisticada à realidade de classes no Brasil é inédita. Só ressalto, nesta oportunidade, algumas das contribuições do livro ao campo da análise de classes em geral.

José Alcides começa seu caminho seguindo os passos teóricos neomarxistas de Erik Olin Wright, e se propõe a uma análise multivariável da estrutura de classes no Brasil via a problemática do marxismo analítico. Entre os traços marcantes do marxismo analítico estão o

* Professor Assistente de Sociologia e do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Pittsburgh, EUA. Home Page: <http://www.pitt.edu/~baiocchi>.

compromisso com rigor teórico e a ênfase na testabilidade empírica de suas proposições; dentro deste espírito, a análise conduzida pelo autor coloca em questão algumas das proposições teóricas do esquema original de Wright, que foi originalmente desenvolvido e aplicado com vistas aos países centrais. A análise levanta o problema da heterogeneidade de certas posições consideradas homogêneas, como a categoria de auto-empregado. No Brasil, como mostra Alcides, a posição contém considerável diversidade, não só em termos de “oportunidades de vida”, como levantariam os neweberianos, mas mesmo em termos relacionais do ponto de vista da produção e exploração. A solução de Alcides é elegante: os auto-empregados são divididos segundo o critério teórico de controle de ativos produtivos, diferenciando-se assim, por exemplo, o “biscateiro” (auto-emprego precário, despossuído na prática de ativos), o médico profissional liberal (auto-empregado especialista, detentor de ativos de qualificação) e o micro comerciante (auto-emprego dito capitalizado). De acordo com os dados, a categoria de “auto-empregado precário”, conta com 14,7% de indivíduos e 13,4% de chefes de família, números enormes que Alcides explica por certas características específicas de países como o Brasil, a exemplo da geração de uma elevada população trabalhadora excedente. Mas esta solução e maneira de encarar esta categoria é relevante, não só a outros países periféricos e semi-periféricos aonde o trabalho informal é tão visível, mas, creio eu, também a países centrais. No caso dos Estados Unidos, por exemplo, conquanto não exista o equivalente exato ao biscate, existem parcelas da população cada vez mais crescentes que estão permanentemente marginalizadas do mercado de trabalho formal, especialmente dentro de guetos urbanos. Em certas áreas urbanas, como em Chicago ou Detroit, existem blocos censitários com taxas de desemprego acima de 70%. Com o fim do *Welfare State*, várias formas de trabalho informal, muitas baseadas no auto-emprego, estão se consagrando como norma de sobrevivência.¹ Estudos comparativos recentes, como o de

¹ Ver William Julius Wilson, *The Truly Disadvantaged* (Chicago: University of Chicago Press, 1999)

Arum e Müeller, defendem também a importância da heterogeneidade entre os auto-empregados.²

Outra inovação que Alcides traz é a análise temporal, aqui baseada nas PNADs de 1981 e 1996. Enquanto Wright admite que a análise estática é limitada, não muitos ainda fizeram análises baseadas nesse esquema que busquem mapear mudanças estruturais ao longo do tempo. No Brasil, muito se fala na crescente exclusão social a partir da década de 1980, mas o que se vê do ponto de vista de posições de classes? Nota-se que a crescente parcela da economia baseada em serviços traz consigo mudanças no auto-emprego, vivenciando aumentos entre as pessoas de referência da família no auto-emprego qualificado (que cresce 51,7% no período, porém partindo de uma base pequena), no auto-emprego estabelecido (que cresce 22,7%) e no auto-emprego precário (que cresce 20,8%, porém dirigindo-se mais ao setor de indústria transformativa); ao mesmo tempo o trabalho manual na indústria e nos serviços cai (em torno de 6%). Constata-se também uma forte queda em categorias ligadas ao trabalho agrícola, tanto entre os trabalhadores manuais (que caem 36,5%) quanto entre os auto-empregados rurais (que caem 27%). Vale a pena ressaltar que as mudanças na estrutura de classes que Alcides procura mapear trazem dificuldades metodológicas, e ao compatibilizar as categorias empíricas da tipologia de posições de classe para as PNADs das décadas de 80 e 90, o autor cria uma base de comparação importantíssima para futuros trabalhos.

Afinal, este livro dá uma resposta empírica e complexa a uma velha pergunta: a estrutura de classes é distinta em países como o Brasil? Estudos famosos de uma geração anterior muito se

² Ver Richard Arum e Walter Müeller, 'Self-Employment Dynamics in Advanced Economies', April 2001, paper apresentado no encontro de Mannheim do Comitê de Pesquisa de estratificação social da Associação Internacional de Sociologia (<http://www.mzes.uni-mannheim.de/rc28/>).

preocuparam com a questão (os pobres nas cidades são de uma classe “marginal”? A burguesia é uma classe “compradora”?), mas, geralmente sem se deterem na tarefa de operacionalizar tais categorias e testá-las na realidade. O estudo aqui mostra que sim, a estrutura de classes no Brasil é realmente diferente daquela existente nos países centrais, mas nem tanto que seja preciso abandonar o esquema de análise de classes. Tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, por exemplo, os ganhos de renda associados aos anos de educação são mediados pela posição na estrutura de classes; em ambos países a origem da pessoa em termos de posição de classe afeta a educação dos descendentes, embora no Brasil o efeito seja mais marcante. A estrutura de classes no Brasil também é marcada por desigualdades, frutos de sua história, e que se percebem nas divisões entre trabalho manual/não manual e agrícola/não agrícola. Mas para entender essa estrutura de classes, é necessário realizar o que José Alcides faz aqui: desagregar certas categorias e adequá-las à essa realidade. Como ele mesmo escreve, esse esforço é um primeiro passo para um campo de estudos novos no Brasil. O resultado desse esforço, no entanto, abre caminhos muito importantes para pesquisas muito além do Brasil.